

Excertos de Guerra

José Manuel Saraiva

DE ACORDO COM OS DADOS OFICIAIS CONSTANTES da «Resenha Histórico Militar das Campanhas de África (1961 – 1974)», publicada pelo Estado-Maior do Exército, nos anos 80, mais de 900 mil homens intervieram nas três frentes de batalha: Guiné, Angola e Moçambique. Deste contingente impressionante, correspondente a 1500 batalhões, morreram em combate, por doença e acidentes de vária natureza quase nove mil soldados e ficaram feridos mais de 30 mil. A estes números há que juntar ainda, segundo estudos feitos nos últimos anos por especialistas nas áreas da psiquiatria e psicologia, mais de 120 mil antigos combatentes que, embora tenham sobrevivido fisicamente àquela que foi a mais inútil de todas as tragédias do nosso tempo, se encontram afectados por sintomas de *stress* pós-traumático de guerra.

Contas feitas, não será pois difícil aceitarmos a ideia de que em Portugal, do Minho ao Algarve, das beiras ao litoral, nos territórios dos Açores e da Madeira, das maiores cidades às mais pequenas e embiocadas aldeias do interior do continente e ilhas, haja alguém que não tenha tido o filho, o pai, o marido, o parente mais próximo ou afastado, o amigo íntimo ou o simples conterrâneo num dos três teatros de operações.

Apesar desta realidade, a guerra colonial (quer nas razões que lhe deram origem, quer no seu desenvolvimento e prossecução, quer nas consequências mais sinistras) constitui ainda hoje para a generalidade dos portugueses um tabu que parece obrigar a comunidade ao silêncio e à vergonha. Como se a guerra colonial não fizesse parte da história dos nossos dias, independentemente do juízo que cada um fizer dela e dos argumentos com que de uma maneira ou de outra, a queiram justificar.

Não fosse um punhado de escritores com talento (eles próprios, na sua maioria, veteranos de guerra) a consagrar o tema em páginas de



Operação em Madina do Boé, Guiné-Bissau, 1969.
Fotografia do Bríg. Hélio Felgas.

grande beleza literária, escritas, decerto, em estados de emoção e sofrimento e pouco ou nada se aproveitaria da memória de uma guerra dolorosa que afectou quase duas gerações. Porque 25 anos passados sobre o fim do conflito, nunca a imprensa, nem as rádios e televisões, muito menos o cinema, se ocuparam demasiado com o assunto – também ele, lamentavelmente, ignorado nos compêndios escolares.

9

No prefácio a *Os Anos da Guerra* – antologia das Publicações Dom Quixote –, João de Melo escreve: «[...] Começamos por compreender que a guerra transformou bastante os homens, isto é: os que foram para África não só não voltaram para ser os mesmos homens como o facto de terem ido representou já para muitos um acto de excepção que terá sido determinante dessa transformação. Mais claramente: seria de todo errado



Última missa realizada no quartelamento de Madina do Boé, antes da retirada da tropa portuguesa por ordem do General Spínola. Guiné-Bissau, 1969. Fotografia do Brig. Hélio Felgas.

pensar que a experiência da guerra não tivesse provocado uma reviravolta interior em todos os que nela incorreram».

Tem razão o escritor. Porque os homens que no passado fizeram a guerra, pouco mais conseguiram no regresso à pátria (os que regressaram) do que recuperar o nome e a genealogia. E é em homenagem à coragem e ao sacrifício deles, de todos, dos que morreram e combateram nas três frentes de batalha, neste ano em que se comemora o 25º aniversário da Revolução de Abril, que publicamos excertos de alguns dos mais importantes autores da geração literária da Guerra Colonial.

Mas era África, o que João tinha à sua volta, uma África plana e imensa, úbere de bolanhas e embondeiros seculares, palmeirais bravios com restolhos de capim, e um povo que se arrastava por picadas e carreiros, gingando nas distâncias que calcorreava à pro-

cura da própria identidade, sonhando-se a verdade de ser turra para o turra e português para o português. Assim, jogava o povo a vida, fazendo e desfazendo a alma, sobre a noite, sobre o dia. Há muito que o Ulisses negro embarcara para outras distâncias e outras histórias. Andaria por paragens desconhecidas vivendo aventuras e desventuras ou, talvez, mais não fosse que um naufrago agarrado à tábua da solidão. Neste contrabando lírico pela sobrevivência, aquele povo ia ganhando a vida, vida triste e assombrada por futuros que não se podiam desenhar, os horizontes cortados à faca, áridos e apumados como falésias. Sorrindo desta sorte negra contrabandística, João revia a fartura da ilha que escorria americanamente da Base. «Nunca se comeu tanto Perú como naquele Natal!... E mais barato que galinha...»

Fernando está amuado, tentando que João o ouça, lhe permita os segredos congeminados, se clarifique o amor, esse amor que nada ousa, que apenas se sente e incomoda. Há que gastar o tempo com o sonho. No calendário sujo, pode ler-se o mês, o ano, o dia. Mas nada e mais inútil que os quatro algarismos a

vermelho – 1,9,6,8 –, do que as oito maiúsculas que os suportam S,E,T,E,M,B,R,O. Tem chovido bastante, as águas do Cacheu são verde-azeitona, uma noite escura. João deitou-se, o rádio ligado a vomitar notícias via-Emissora Nacional. A voz do locutor sai emocionada e trágica. Salazar caíra da sua cadeira de mandar, chocando com o chão da dura Lisboa, encomando no seu país em coma. Haveria horas extraordinárias de emissão, música clássica e fúnebre e a reserva do Aleluia de Haendel para o milagre esperado. Aguardava-se a cada momento o diagnóstico dos médicos. Naquele abrigo de Binta, ninguém reagiu perante a notícia. Nem pesar. Nem alívio. Estavam ali indiferentes como papaias, por vontade expressa do presidente recém-caído. Tinham vindo para a Guiné defender a fé e o império das garras vermelhas de outros interesses. Depressa viram que não havia fé nem império a defender. Desabasse Lisboa inteira que continuariam deitados. Para defender, tinham a vida, a sua, a de cada um, aquela que a mãe lhes dera prosaicamente, num parto suado e sem gozo. A Guiné era o seu menisco de preguiça alojado, como bocejo, no joelho do país...

Álamo Oliveira, *Até Hoje (Memória de cão)*, Lisboa, Ulmeiro, 1986.

«Os braços saem de dentro dos corpos, como galhos decepados de árvores tisanadas pelo fogo. Os globos oculares parecem ter ficado acesos, como brasas na escuridão. Pela fresta deles entreaberta, vê-se que são olhos ainda contrariados, olhos de homens estarecidos pela surpresa e pelas desventuras da morte.

Alguns têm-na no ventre, outros nos dedos muito grossos, que são dedos de palhaços esquecidos no intervalo de dois números do circo de toda a vida. Também as pernas dobradas e os braços erguidos exibem esse gesto interrompido, ou apenas ainda não continuado. As mãos seguram, entre os dedos crispados, restos de capim, botões arrancados a roupa, pequenas porções da terra por que haviam morrido; outros apresentam os músculos faciais de tal modo contraídos por uma rigidez de pedra, que seria fácil imaginar tudo a respeito da agonia.

Teriam decerto morrido assim, de dentes cerrados, com a raiva deverem a morte chegar tão cedo e tão sem aviso, porquanto a pele lembra a flacidez, a anemia das folhas que perderam as suas nervuras. Limita-se a reter os contornos, a proeminência dos ossos. Rompe-se no lugar das feridas. Parece ter-se rasgado para dar lugar a boca das grandes, insólitas, infaustas crateras da morte.

Retirada de Madina do Boé, Guiné-Bissau, 1969.
Fotografia do Brig. Hélio Felgas.





Momentos após a deflagração de uma mina anti-carro durante a retirada de Madina do Boé. Guiné-Bissau, 1969. Fotografia do Brig. Hélio Felgas.

«Borras de sangue apodreciam já a saída das bocas engelhadas, de súbito tão velhas como as dos centenários, quem sabe se amolecidas pelo mesmo sono palustre e mortal. Restos de goma e de saliva ensanguentada misturavam-se com a baba das moscas-de-estrupe e das grandes aranhas cor-de-estanho – e talvez não haja, nem possam existir, palavras nem ideias, nem fortes sensações de vivos para observar semelhantes mortos. Não é possível, ninguém conseguirá nunca sobre eles deixar escrita a memória desse dia. Só talvez um grito, pensei, um berro altíssimo e distante, uma voz erguendo-se no espaço, fora do tempo e de toda a memória – e o grito encheria de sons o céu de África, as planícies sem princípio, o segredo eterno das palmeiras e dos embondeiros; só talvez um grito, atravessado por muitos outros gritos, encheria os seus sobrenaturais tambores com a voz de todos os sinos do mundo. Só isso, ou o meu silêncio de agora, pensei perante a visão daqueles corpos. Eram nove rapazes da minha idade, mas todos tinham deixado de valer.»

João de Melo, *Autópsia de um Mar de Ruínas*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1997 (1992).

De olhos fechados, com a voz enorme do tenente a rebolar pelo quarto, eu pensava: há onze meses que não vejo cortinas, nem tapetes, nem cálices, nem alcatrão, e era como se essas quatro ausências constituíssem a base elementar de qualquer espécie de felicidade, há onze meses que só vejo morte e angústia e sofrimento e coragem e medo, há onze meses que me masturbo todas as noites, como um puto, a tecer variações adolescentes em torno das mamas das fotografias do cubículo de transmissões, há onze meses que não sei o que é um corpo ao pé do meu corpo e o sossego de poder dormir sem ansiedade, tenho uma filha que não conheço, uma mulher que é grito de amor sufocado num aerograma, amigos cujas feições começo inevitavelmente a esquecer, uma casa mobilada sem dinheiro que não visitei nunca, tenho vinte e tal anos, estou a meio da minha vida e tudo me parece suspenso à minha volta como as criaturas de gestos congelados que posavam para os retratos antigos.

António Lobo Antunes, *Os cus de Judas*, Lisboa, Editorial Vega, 1979.

Evita começou a chorar baixinho. Era maravilhoso tudo se conjugar daquela maneira. Que astros estariam com que astros, lá acima da atmosfera, por cima do manto de ozono, para que acontecesse tudo de forma tão harmoniosa? Desceu-se à praia com archotes e pilhas eléctricas contra os quais os verdes insectos do tamanho de facas vinham dar a última trombada das suas efémeras vidas. Tombavam. E felizmente que tinham decidido procurar o noivo daquele modo, porque se chegassem meio minuto depois, já aquela onda sem grande espuma que aí vinha poderia ter levado o corpo do alferes, e quando o trouxesse, passados três dias, já não apresentaria a integridade necessária para ser vestido de alferes, nem exposto diante dum anjo de pedra, nem no transepto da Sé, o local do templo onde mais passava uma corrente de ar. Assim, a onda não o roubou. Evita pôde abeirar-se dele, lavar-lhe o buraco da testa por onde a bala havia entrado pelo próprio punho do alferes, e beijá-lo na boca até ser manhã. Verde toda a noite. O Comandante da Região Aérea desceu à praia e disse a Evita – «Por vezes, África deixa de ser amarela da cor do scotch para ser de variegadas cores... *Sorry, sorry...*» Mas porque ninguém era malévolo no *Stella Maris*, ninguém acusou o repórter que farejava por cima do paredão. Todos, incluindo Evita, compreendiam que o excesso de harmonia, felicidade e beleza provoca o suicídio mais do que qualquer estado. Infelizmente, muito infelizmente, as guerras eram necessárias para equilibrar o excesso de energia que transbordava da alma. Grave seria proporcionar demasiada felicidade. Então o terraço foi fechado para que não se voltasse a sentir idêntica chamada de esplendor. Evita sentiu-se vítima duma lição tão subtil que intransmissível, sobretudo quando do cortejo, posto em semi-círculo, e onde as ondas chegavam sem espuma, o major surgiu, deu um passo em frente e se curvou até aos joelhos – «Madame, os meus respeitos!»

Ela voou no primeiro avião civil. O corpo dele seguiu depois, num barco militar.

Lídia Jorge, *A Costa dos Murmúrios*, Lisboa, Dom Quixote, 1988.

1. QUE PUTA DE GUERRA ESTA...

Mueda, no dia da saída da coluna para a Volta ao Mundo, assemelhava-se a um formigueiro rebentado; camiões que andavam de um lado para o outro aparentemente sem sentido, soldados que corriam chamando

uns pelos outros, oficiais que procuravam juntar os seus pelotões, artilheiros que tentavam desesperadamente atrelar as peças e bocas de fogo *às Bertiets*, caixas de rações espalhadas, viaturas que não, pegavam e eram empurradas, barulho de motores acelerados, cheiro a óleo queimado, tudo fazia parte de uma caótica confusão da qual parecia ser impossível sair ou, pelo menos, encontrar algum responsável.

Os homens da companhia de comandos esperavam disciplinadamente, sentados em cima das suas viaturas, que o emaranhado novelo se deslindasse. Por fim, cerca das sete da manhã, um atraso de duas horas sobre o horário previsto na ordem de operações, saíram os picadores para adiantarem o serviço de pesquisar as minas.

O alferes Fernandes, muito quieto ao lado do condutor de *uma Berliet*, os olhos parados, apontando a milhares de quilómetros, o queixo apoiado no cano da G-3, esperava que a sua viatura se pusesse em movimento.

– Eh, meu alferes! Parece que está noutra mundo. Vamos andar – avisou o cabo Cabral, o homem casado e de poucas falas que já corra meio mundo, emigrante em França, na Alemanha, sabe-se lá mais onde; constava à boca pequena já ter morto homem. – O que mais custa são as despedidas, depois de um homem estar sozinho e a máquina em movimento, parte-se para outra vida, os que ficam é que podem ter saudades, os que vão têm de ir ajeitando o corpo ao que os espera, não podem olhar para trás...

– Que estás para a ía dizer? Julgas que és capaz de adivinhar o pensamento? – respondeu, encabulado como um miúdo apanhado em falta.

Tinha de se dar ao respeito, mesmo com o Cabral, pai de filhos, apanhado para a tropa ao rondar dos trinta anos. Na tropa cada um tem o seu lugar, seja velho, seja novo.

– Quase era capaz de adivinhar... a noiva, a futura mulher, os filhos que hão-de vir, o adeus no cais... é nisso que um homem pensa quando parte... – e avistando o oficial: – Somos nós quem vai na frente.

Carlos Vale Ferraz, *Nó Cego*, Lisboa, Bertrand, 1982.

Nhari sentou-se um bocado para pensar, diante dos seus haveres espalhados pelo chão. Não sabia que meter dentro do seu cesto de ráfia. Tudo era importante e nada tinha valor.

Uma cabana, um lume de quatro pedras e um tacho de barro, encontrá-los-ia em qualquer parte.

Mas poderia ela embrulhar uma paisagem ou a «alma» de um lugar?

Pegou na bacia amolgada e pousou-a de novo. Talvez o guarda-chuva; estava roto mas ainda servia. A caneca da água, certamente. A peneira, talvez. Tinha ainda umas latas de folha e garrafas vazias. Podiam servir para guardar qualquer coisa. Pegou nelas. Não. Seria melhor deixá-las para o seu homem. Ele dizia que com as garrafas se podiam fazer bombas para incendiar os carros da tropa. Largou-as. A sua blusa vermelha estava muito rota para a levar em terra estranha. Deu-a a N'Ginga, mulher de Kafala, o guia; que era bondosa e meiga. [...] N'Ginga estava a fazer carrapitos a uma sobrinha, enquanto Kafala se preparava sem hesitações. Dobrara a esteira e o cobertor; vestira as suas duas camisas e as calças menos esburacadas e foi afiar a catana.

A blusa ficava mesmo bem a N'Ginga. Esta poderia dar de mamar às crianças, sem ter que a desabotoar. Nhari regozijou-se. Alguém que ficava beneficiava com a sua partida. Era como se ela própria não abandonasse o chão da sua comunidade. Voltou aos seus objectos e sorriu ao dar com um papel que estava dentro de uma velha cafeteira. Uma avioneta enchera a estrada com esses pedaços de papel que avisavam aos angolanos para não irem para o Congo, país de fome e de miséria. O papel tinha de um lado a imagem de uma família angolana, feliz, sentada à sua mesa, com bastante comida. Do lado oposto apresentava-a no Congo, a mesa vazia, o pai como que consumido por doença ruim, o filho suplicando comida e a mulher resmungando com o marido que trocara a fartura da sua terra pela fome congoleza. O olhar de Nhari demorou-se sobre a primeira imagem: boa roupa, mesa com toalha, pratos, copos e ainda cadeiras, como em casa dos brancos. Atirou o panfleto para o chão; não devia perder tempo com aquilo, pois tinha que se preparar para partir. Voltou a ver o papel sobre a areia, com a boa mesa cheia de comida, como uma casa de brancos. Chiá! Fez um muxoxo. Ela não tinha pena de perder o que nunca possuía. Não levaria nada daquilo, decidiu. O mais precioso de tudo, trazia-o dentro de si e como que para confirmar os seus pensamentos, pôs a mão sobre o ventre. Tinha vida dentro dela. O seu filho nasceria numa terra livre. Riu-se. Estava pronta. Os mais despachados já estavam no terreno. Outros ainda preparavam as provisões para os dez dias de marcha.

Manuel dos Santos Lima, *As lágrimas e o vento*, Lisboa, África Editora, 1975.

Havia guerrilheiros que adormeciam, as armas em posição e o dedo no gatilho. O comandante percorria constantemente a fila de combatentes, acordando-os suavemente para não os assustar, perguntando coisas insignificantes, sussurrando estórias e anedotas, para levantar o moral. Os guerrilheiros somam, piscavam-lhe o olho, demonstrando confiança. É engraçado, pensava Sem Medo, ao ir de um para outro, mesmo os que não me gramam nada parece que me adoram. É a solidariedade do combate!

Tinham devolvido a arma a Ingratidão do Tuga, mas Ekuikui recebera missão de o vigiar de perto. Ekuikui cumpria, muito compenetrado, o seu papel.

O comandante deitou-se ao lado de Teoria. O professor lançou-lhe uma rápida mirada, mas nada disse. Sabia por que Sem Medo viera. Sem Medo também sabia por que viera.

– Então? – perguntou o comandante.

– O meu segundo eu prevalece – disse Teoria.
– Não te preocupes.

– Não estou preocupado. Sabia disso.

Sem Medo levantou-se e avançou ao longo da estrada, para saber como estava o guarda, colocado a duzentos metros da emboscada e encarregado de dar sinal, quando o inimigo aparecesse.

– Vamos embora, camarada comandante?

– Não. Eles vão vir.

– Tenho fome, camarada comandante.

– E eu que ainda não fumei hoje? – respondeu Sem Medo.

Voltou para o sitio da emboscada. Placou no seu lugar e esperou, numa sonolência leve, interrompida pelo gesto de ver as horas. Às quatro, o Sol já não se vislumbrava, tapado pelas árvores do outro lado da estrada.

A espera era o pior. Depois de o inimigo surgir, acabavam os problemas, os fantasmas ficavam para trás e só a acção contava. Mas, na espera, as recordações tristes da meninice misturavam-se à saudade dos amigos mortos em combate e mesmo (ou sobretudo) ao rosto de Leli. Sem Medo notou que tinham passado mais de seis meses sem pensar em Leli. Desde o último combate. Ao irem atacar o Posto de Miconje, a imagem de Leli viera confundir-se com a chuva que formava torrentes de lama, resvalando pela encosta que subiam para atingirem o inimigo. Tinham progredido na noite, debaixo do aguaceiro constante, para atingirem o ponto de ataque às seis da manhã. A lama e a



Travessia do rio Corubal durante a retirada de Madina do Boé. Nesta travessia, em condições dramáticas, pereceram 46 militares portugueses. Guiné-Bissau, 1969. Fotografia do Brig. Hélio Felgas.

chuva cegavam-nos, asfixiavam-nos, ofegantes pelo esforço de subirem de rastros uma montanha coberta de mata densa. Fora aí, na cegueira da floresta e da chuva, que Leli viera, se impusera de novo. A angústia perseguiu-o até dar a ordem de fogo. O grito de fogo saíra-lhe como uma libertação, um urro de animal fugindo da armadilha. O grito ferido de Sem Medo afugentara a imagem de Leli.

Mais uma vez Leli voltava e se impunha. Os olhos de Leli acusavam-no de mil crimes, vingativos e meigos; havia tal abandono e solidão nos olhos dela que Sem Medo quis gritar, afastando o fantasma. Mas era demasiado cedo, o inimigo não aparecera, e ele não podia dar ordem de fogo. [...]

«Meu amor: estou camuflado de sangue – vinte meses de guerra, vinte meses de viúva, perdoar-me-ás? E as tuas mãos sobre os meus olhos curarão as feridas que aí estão gravadas a sangue, deixarei de as ver toda a vida? Nas digas isso ao Mais-Velho, deixa-o ainda pensar-me capitão-mor, sim?... Diz ao Mais-Velho que continuo de catana na mão, a abrir a picada que eu quis e comecei, mas que ontem ao luar, fora da barraca, me senti cansado por dentro e lhe perguntei, porque ele anda sempre aqui comigo no mais analfabeto da minha coluna que é o mais puro dos moços que eu vou ver morrer hoje ou amanhã, e que ele me respondeu que não sei, meu alferes, o meu alferes é que sabe. [...]